

Rizoma e filosofia: o devir-música como elemento pedagógico no ensino de filosofia

CÁSSIA DE OLIVEIRA¹

Introdução

O presente trabalho pretende estabelecer a conexão do rizoma e o ensino de filosofia por meio do devir-música. Dessa forma, o trabalho se propõe a abordar e agenciar a educação básica, especificamente o ensino médio e discutir o que constitui e institui o rizoma por meio da experimentação estética da música como elemento pedagógico para o ensino de filosofia no ensino básico.

Por esse motivo, buscamos pensar o rizoma, o ensino de filosofia e o devir-música por meio da seguinte problemática: em que medida se constitui e institui o rizoma por meio da experimentação estética da música como elemento pedagógico para o ensino de filosofia? O trabalho tem como objetivo: compreender a maneira como se constitui e institui o rizoma por meio do devir-música como elemento pedagógico para o ensino de filosofia em contexto da escola básica.

A metodologia utilizada foi estruturada em três partes. No primeiro momento, empreendemos um estudo sobre o conceito de rizoma através da filosofia de Deleuze e Guattari. No segundo momento, elaboramos as considerações sobre os escritos de música pelo viés deleuziano e no terceiro momento, tratamos das razões que justificam os agenciamentos entre a filosofia rizoma, o ensino de filosofia e o devir-música no ensino básico.

Diante dessa perspectiva, propomos o rizoma deleuziano como devir-música no ensino de filosofia, isto é, a música como o próprio rizoma. O pensamento rizoma ocupa um papel conceitual de suma importância na filosofia de Gilles Deleuze, pois se opõe ao modelo de árvore raiz, fundamentada na estrutura profunda, vertical e universal do pensamento. Por oposição à filosofia da tradição, as linhas rizomáticas

¹ Possui graduação em filosofia. Especialização em filosofia da educação. Mestrado em educação pela Universidade Federal do Pará. Tem experiência na área de educação e ensino de filosofia. É professora da rede estadual de ensino. É estudante de música e pesquisa sobre experimentações estéticas no ensino de filosofia. E-mail: araujofilosofia36@gmail.com
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2503228234568455>

do pensar compreendem alianças que se conectam por heterogeneidades, multiplicidades, intensidades, singularidades e linhas.

Mesmo não tendo produzido nenhuma obra específica sobre música, o tema atravessa todos os momentos os platôs da filosofia da diferença² de Deleuze e Guattari. Tal leitura nos possibilitou pensarmos o devir-música como agenciamento no ensino de filosofia, pois Deleuze já afirmava que uma boa aula de filosofia é um movimento musical. Para Deleuze, os conceitos só podem ser criados e roubados a partir dos encontros com outros campos de saber.

Sobre o conceito de rizoma

O texto *Rizoma* escrito em 1976 como ensaio representa o momento inaugural do pensamento rizoma em Deleuze e Guattari, é um manifesto de oposição ao pensamento da verticalidade, que mais tarde foi inserido como um dos capítulos do livro *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia 2* (1980). O rizoma como campo de experimentação, se apresenta como alternativa à imagem da árvore do conhecimento, que propõe uma nova maneira de pensar de forma imanente e ramificada, afetada por devires.

A partir desse novo conceito, o pensamento filosófico passou a ser desenvolvido por certos princípios que demarcaram um sentido diferente da lógica arborescente e linear seguida pela tradição filosófica. O rizoma é regido pelos princípios de conexão, heterogeneidade, multiplicidade, ruptura assignificante, cartografia e decalcomania (Deleuze; Guattari, 2011) no que diz respeito às suas possíveis e diversas possibilidades de alianças.

O princípio de conexão e da heterogeneidade diz que um rizoma pode se conectar a qualquer outro; da multiplicidade no que se refere a forma em que pontos podem ser determinados pelas múltiplas dimensões; princípio da ruptura assignificante, no qual os pontos podem ser rompidos ou quebrados por suas linhas de fuga que não obedecem a uma ordem de hierarquização; e da cartografia e

² Demarca as correntes pós-estruturalistas que contribuíram ao moldar o discurso da diferença iniciado por Nietzsche. Essa linha de pensamento constrói uma crítica à razão universal ocidental.

decalcomania que compreende a abertura e conexão do rizoma a outras possíveis dimensões.

O rizoma e o platô são dois conceitos da biologia que atravessam a filosofia de Deleuze e Guattari. Rizoma é um termo da botânica constituído de bulbos e tubérculos que permitem ramificações e conexões de um ponto a outro se opondo às raízes da árvore. Um outro conceito importante é o platô que vem de Gregory Bateson e significa uma região contínua de intensidades e multiplicidades que se agregam na construção do rizoma.

O trabalho de Deleuze e Guattari em *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*, Vol. 1 (2011), escrito como rizoma e platô significou uma obra inovadora para a história da filosofia, pois além de agenciar a filosofia com as artes e com a ciência anuncia a sua própria diferença no pensamento filosófico, na medida em que descentraliza o legado filosófico linear, profundo, único e binário próprio da filosofia de tradição socrático-platônica e faz dele um devir-pensar baseado nas linhas rizomáticas que variam, deslocam e remetem a segmentos sem obedecer a um modelo de representação do conhecimento.

695

Deleuze e Guattari afirmam que o lugar da filosofia não é o universal e o verdadeiro, mas é composto de múltiplos singulares, a filosofia se traduz como o múltiplo puro, a diferença pura. A verdade é a criação e o devir. O que há para Deleuze e Guattari são processos, sendo estes devires (Deleuze, 2013). Os processos são continuidades e individuações que expressam a ideia de rizoma como oposta ao modelo árvore, entendendo assim, o rizoma como a imagem do pensamento.

A filosofia de *Mil Platôs* é constituída como imagem-rizoma e, este compreende cruzamentos, conexões, passagens, singularidades, intensidades. Para Deleuze e Guattari, “O rizoma nele mesmo tem formas muito diversas, desde sua extensão superficial ramificada em todos os sentidos até suas concreções em bulbos e tubérculos” (Deleuze; Guattari, 2011, p. 22).

As linhas do rizoma podem se conectar com linhas diferentes e dimensões que se territorializam e desterritorializam em movimentos aberrantes contrariamente ao lineamento do modelo árvore. O rizoma como captura, fuga, produção, intensidade, singularidade, não é unificação e racionalização, mas “um rizoma é feito de platôs” (Deleuze; Guattari, 2011, p.44) e um platô é sempre *intermezzo* construído no plano

de imanência.

Segundo Dosse (2010), a origem do rizoma em Deleuze e Guattari se deu com a experimentação de uma literatura menor singularizada por Kafka, que expressou um movimento contrário a língua dominante. O rizoma como literatura menor encontram nos escritos de Kafka um campo de experimentação, de imanência e criação em confronto com um modo de escrita maior que permanece aos moldes da tradição.

O rizoma é a linha horizontal e o plano de imanência do pensamento de Deleuze e Guattari. Como caosmo-radícula, o rizoma é concebido como a experimentação que privilegia os encontros do fora, as linhas de fuga, os constantes desvios, a captura de forças, a troca desigual dos pontos de vista, as intensidades e singularidades de cada individuação (Zourabichvili, 2016).

Logo, o pensamento não arborescente não tem início e nem fim, mas *intermezzo*³, pois é constituído de múltiplas linhas e conexões. Assim a filosofia-rizoma (Cunha, 2011) constrói intersecções, escoa possibilidades rupturas e fugas para compor uma nova imagem do pensamento. A filosofia como perspectiva rizoma movimenta as instâncias poéticas e musicais, permitindo atravessamentos entre os saberes.

696

Devir-Música

Considerando as artes da pintura, literatura e cinema, Deleuze não escreveu um livro sobre música (Dosse, 2010). Mas a música aparece como uma temática recorrente na maioria de seus escritos que se destacam nas conversas com Pierre Boulez e Pasquale Crítton, Filosofia e música são dois pontos que se conectam entre si em *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*, vol.2 (2011), os dois campos de saberes que não têm o seu campo de partida e de chegada se entrelaçam a partir de camadas rítmicas, conceitos, timbres, ecos, cortes de fluxos e ritornelos.

Por isso a música é rizoma, que no limite de notas obedece a constituição de espaços e tempos, tons e semitons, sustentidos e bemóis, *legatos* e *staccatos*, e se

³ Deleuze e Guattari se referem ao rizoma como *intermezzo*, pois é o entre as coisas, é a linha de fuga e de fluxo, o imperceptível.

caracteriza pelo agenciamento de combinar sons simultâneos e sucessivos que ao mesmo tempo que seguem uma determinada ordem, rompem como linhas de fuga com a unidade linear e a dimensão superior. Segundo Deleuze e Guattari:

A música nunca deixou de fazer passar suas linhas de fuga, como outras tantas “multiplicidades de transformação”, mesmo revertendo seus próprios códigos, os que estruturam ou arborificam; por isto a forma musical até suas rupturas e proliferações, é comparável a erva daninha, um rizoma. (Deleuze; Guattari, 2011, p. 29).

Deleuze se apropria das questões mais profundas sobre a música. Esses pequenos fragmentos de rupturas de espaço-tempo musical podem ser representados por filamentos rizomáticos, por múltiplas linhas de evolução diferente uma das outras, assim como se desconectando da lógica da imagem de árvore-raiz. Nesse sentido, podemos pensar o ensino de filosofia por agenciamentos com o devir-música.

O devir-música é o estímulo de prazer no pensar provocando o experimento das forças do pensamento. É preciso pensar o ensino de filosofia como uma dimensão dos afetos instigada a partir de questões problemas criados em sala de aula, das experimentações e acontecimentos vividos por cada um no seu processo de construção existencial.

Os conceitos surgem a partir do momento que são afetados por acontecimentos, que diz respeito a “(...) blocos de delineamentos conceituais tornados permeáveis uns aos outros por ocasião dos movimentos que os envolve com o pensamento tornado necessário pelo problema que o atinge de fora” [Zourabichvili, 2016, p.13] e que são atravessados por relações de forças, mas depois se tornam transgressores dos seus próprios limites.

Pensar o ensino, a filosofia e o aluno através do devir-música, despertaria o caos no pensamento, provocaria abruptamente a necessidade de fazer rizoma, pois suas terminações cerebrais, instigariam o pensar. O pensamento só pode ser possível na medida em que é gerido o encontro com as forças intensivas e ativas que os afetam, tendo abertura para a escuta de outros saberes construídos nos devires da história. Mas afinal o que é pensar?

Além disso, pensar é poder, isto é, estender relações de força, com a

condição de compreender que as relações de força não se reduzem a violência, mas constituem ações sobre ações, ou seja, atos [...] é o pensamento como estratégia [...] trata-se da constituição de modos de existência ou, como dizia Nietzsche, a invenção de novas possibilidades de vida (Deleuze, 2013, p. 123-124).

Diante dessa perspectiva, o que torna real o ato da criação ou do pensamento é o envolvimento com vários encontros e modos de vida. O que faz existir o pensamento é a heterogeneidade das conexões do fora e experimentações variadas, isto é, o pensamento surge com o que mais lhe afeta. O pensamento não está em conexão com a verdade, é preciso criar a potência do falso, através de um encontro, acaso ou acontecimento que o force a pensar. O pensamento é um ato de criação e de experimentação.

O pensar em Deleuze é um encontro com o fora que emite variados modos de vida, e isso implica no movimento do pensamento. A dimensão do fora é o que afeta o pensar na medida em que compreende heterogêneos vínculos que possibilita o processo de criação. Pensamento e verdade não estão numa relação de reconhecimento e representação, mas o acontecimento do pensamento advém de ser afetado pelo fora.

698

O território-música é compreendido pela capacidade de emitir novos ramos, como conceitos criados, imaginados, multiplicados, agenciados, construídos, desconstruídos e reconstruídos em constantes linhas de fuga. Sendo assim, “Uma multiplicidade que não tem nem sujeito nem objeto, mas somente determinações, grandezas, dimensões que não podem crescer sem que mude de natureza [...]” (Deleuze; Guattari, 2011, p. 23).

Os conceitos que Deleuze cria com a filosofia estão quase sempre conectados com a música, isto é, a música é um lugar de experimentação no pensamento deleuziano. (Ferraz, 2010). Pensar a música no ensino de filosofia é fazer estimular o sistema neurológico, é buscar outras fantasias, é a capacidade de aceitar novos desafios no alcance de uma aprendizagem pura que estimula o prazer, a beleza, alegria e a vontade de aprender e que nunca pode ser objetivada porque não é representada no objeto, mas é o sujeito como afetado pelas sensações.

Notas musicais são pensamentos, pessoas, rizomas, linhas de fuga, afetos, fluxos. Através da música se contam histórias das mais variadas coisas, se expressam

os desejos, blocos de devires, ritornelos, velocidades, movimentos. Na música “Temos o contato auditivo com a autêntica filosofia (...)” [Barboza, 1997, p. 75]. Toda música tem uma origem, seja poética, histórica ou religiosa. Schopenhauer vê na música a linguagem direta da vontade que produz uma profunda compreensão do mundo, pois:

Pedras, plantas, animais e homens são musicais... diz o filósofo: “uma explicação completa da música em conceitos, seria uma explicação completa do mundo, em conceitos, portanto seria a verdadeira filosofia.” Por conseguinte, Brahms, Beethoven, Carlos Gomes e até mesmo cantores populares são [...] artistas-filósofos porque traduzem com suas composições o íntimo das coisas. Quando os ouvimos, na verdade ouvimos a voz da natureza. (Barboza, 1997, p. 76).

Pensar o devir-música como agenciamento entre o ensino de filosofia é fazer rizoma-aula, capaz de se manifestar na ação do espaço pedagógico como: conexões, devires, criação de conceitos, diferenças, afetos, modos de vida. Acreditamos que o ensino de filosofia pode ser considerado um campo de n dimensões⁴ do saber-fazer em sala de aula. Pensamos nas aulas de filosofia a partir de acontecimentos, heterogeneidade, ritornelos, experimentações, potência de vida e intensidade criadora.

699

O ensino de filosofia

É preciso falar da criação como traçando caminhos de impossibilidades [...] Se um criador não é agarrado pelo pescoço por um conjunto de impossibilidades, não é um criador. Um criador é alguém que cria suas próprias impossibilidades, e ao mesmo tempo cria um possível (Deleuze, 2013, p. 171).

Atualmente, o lugar da filosofia no ensino médio é de instabilidade, pois mesmo apresentando a obrigatoriedade de sua presença no novo ensino médio, é notável o descaso que os estados oferecem à disciplina quando estabelecem a diminuição de sua carga horária tornando-a como secundária e sem importância comparada às outras disciplinas. Diante desse cenário, as dificuldades e resistências

⁴ Próprio do pensamento rizoma, baseado no princípio na multiplicidade, n dimensões subtrai a unidade do múltiplo.

acerca do ensino de filosofia, sempre se constituiu como um processo histórico de luta e resistência dos professores de filosofia no Brasil.

Do período colonial ao imperial a presença da filosofia foi permanente como caráter propedêutico em todas as áreas de conhecimento. Entretanto, a partir do Brasil República inicia um lugar de instabilidade da filosofia no ensino, pois devido a eclosão das ideias científicas e as reformas propostas para a educação, o ensino de filosofia se encontrou fragilizado. Assim, o histórico de presença/ausência da filosofia na educação retratou a sua desvalorização no currículo escolar (Alves, 2002).

O novo ensino médio é reflexo da não permanência histórica da filosofia no currículo escolar e, conseqüentemente da redução de sua carga horária. Mesmo em 2008 sendo aprovada a obrigatoriedade da filosofia nos três anos do ensino médio, a realidade atual das escolas se apresenta diferente no que diz a lei, pois os estados alocaram a disciplina filosofia para uma aula semanal completando a carga horária dos professores com outros percursos de ensino.

A criação da ABEFIL (Associação brasileira de ensino de filosofia) em outubro de 2024 é um ato de resistência ao desrespeito com o componente curricular filosofia. O ato de resistir acontece através da arte, das múltiplas vozes em sala de aula. A experiência estético musical é o acontecimento da filosofia e suas inúmeras faces de expressão, manifestando a produção de pensamento em movimento.

Agenciar o ensino de filosofia com o devir-música é fazer nascer a criação filosófica por meio das artes, é contribuir para que o exercício do pensamento entre educandos e educadores se construa de forma mais alegre, intensa e ativa. A criação inspira novas formas de ver, ouvir e sentir o ensino, como uma maneira imanente de viver, um *ethos*, um devir, ou seja, a vida como obra de arte.

Possa ser a arte a única forma de resistir a morte da filosofia em momentos tão difíceis que estamos vivenciando. Um exemplo seria que todas as grandes sinfonias continuem deleitando nossos ouvidos. A música como elemento diferenciador no processo pedagógico da filosofia é concebida como fios de marionete, fibras nervosas que se encontra em uma atividade criadora e transformadora de si mesmo e do mundo.

O devir-música como processo pedagógico no ensino de filosofia significa o ato de fazer rizoma, pensar, criar, agenciar, de conduzir multiplicidades e individuações

intensivas. Ensinar filosofia é um ato de criação, pois nunca sabemos quais ritmos e movimentos devemos povoar. tal como: “o ato da fala de Bach é sua música, que é o ato de resistência, luta ativa contra a repartição do profano e do sagrado [...]” (Deleuze, 2012, p.294). Assim podemos dizer que:

Esse ato de resistência na música culmina num grito [...] há um grito em Bach: Fora! Fora!, vá embora, eu não quero vê-lo [...] O ato de resistência possui duas faces. É humano e é também um ato de arte. Apenas o ato de resistência resiste à morte, seja sob a forma de uma obra de arte, seja sob a forma de uma obra de arte, seja sob a forma de uma luta dos homens. (Deleuze, 2012, p. 294).

A partir daí, o desejo dos educandos pode se aproximar de questões mais concretas, no sentido de sensibilizar para criar e de transformar. A música como processo pedagógico no ensino de filosofia representa o próprio ato de criação que conduziria o aluno para um desbloqueio das potências de produção. O impulso para a criação do novo através da arte alcançaria a afirmação da vida (Deleuze, 2001). Diante desse cenário, podemos dizer que,

Tal pensamento é alcançado mediante uma filosofia ativa. Uma filosofia penetrada de conceitos ativos e afirmativos, porque o que há em todos os corpos químico, biológico, social, político, são forças em relação de tensão umas com as outras, forças que diferem entre si, vontade que atua sobre vontade (Heuser, 2010, p. 47).

Música é alegria. Alegria é potência e forma de resistência. Dessa maneira: “[...] a alegria é a força que nos coloca verdadeiramente em movimento, é o que nos faz agir, ir para o mundo, é o que nos faz querer viver” (Schopke, 2020, p.16). A alegria como potência ativa e afirmativa é um encontro alegre e o que faz nos mover no processo de criação e transformação.

O ensino de filosofia penetrado com o corpo música, provoca “[...] a produção do pensar no pensamento” (HEUSER, 2010, p.30), pois é na imprevisibilidade que podemos pensar a novidade, que significa descobrir e inventar novas possibilidades de vida. A música como um elemento diferenciador no ato de ensinar filosofia permitiria combinações, composições, recomposições, heterogeneidade, compasso, descompasso, perversão, variação e acaso.

A música como percurso da emoção e do desejo, é a possibilidade da linguagem filosófica, é uma ferramenta de ensino. Um estudo sobre a importância da música

para o aprendizado abrange os estudos da filósofa norte-americana Susanne Langer que, “[...] acreditava ser nas artes em especial a música, que o ser humano alcançava a sua exteriorização máxima da rede de cognição” (Dias; Silva, 2016, p. 6)

No território da música seu conteúdo poderia se desdobrar desde a cultura popular até o terreno da música clássica. Podemos encontrar teias rizomáticas que unem a música pop e a ópera clássica. E isso se daria como possibilidade de criação e agenciamento para novas formas de ver e de sentir o ensino. A estimulação do sentimento de prazer e o conhecimento de outras culturas e saberes. A transversalidade aponta para a diferença, a multiplicidade e a conexão entre os componentes curriculares.

Os conteúdos de filosofia seriam estudados não a partir de um ponto referencial, mas em forma de devir-conceitos através de campos rizomáticos de saberes em suas conexões múltiplas e heterogêneas, de acontecimentos vividos e saberes científicos. Dessa forma, a música se constituiria em um diálogo amoroso com a filosofia estimulando mudanças no pensamento, nas atitudes, na metodologia, e do saber-fazer em sala de aula, pois “[...] as questões filosóficas se encontram tanto nas mais puras e ingênuas especulações quanto nos mais elevados argumentos [...]” (LABOISSIÈRE, 2000, p. 4).

702

Breves considerações

O trabalho desenvolvido partiu da experiência pedagógica no ensino básico, com os encontros potentes que as leituras de Deleuze e Guattari proporcionaram e recentemente com os estudos sobre música. A pesquisa foi realizada a partir das aulas de filosofia diante de diferentes realidades que sempre desejam pensar o novo como um momento de criação e um exercício da diferença.

A constituição e a instituição do rizoma por meio do devir-música no ensino de filosofia se desenvolvem nas experimentações e forças transgressoras do pensar que resistem a um modelo tradicional de ensino. Permite saberes que compartilhem e participem com o processo de produção filosófica. Nessa perspectiva, a aula de filosofia não deixa de ser devir em seu movimento de ida e vinda de um meio a outro, de encontros e desencontros, de construção e desconstrução, na medida em que cria

imagem de um pensar sempre disposto a ser composto com o diverso e o diferente, com o velho e o novo.

Com base no que foi desenvolvido, escolhemos potencializar o conceito de rizoma com o ensino de filosofia e o devir-música, baseado nos princípios estabelecidos em *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*, vol. 2 (2011), pois criam o movimento inverso da filosofia tradicional socrático-platônica. O pensamento-rizoma representa a descontinuidade das premissas universais iniciando à abertura para a concretude dos acontecimentos como campo de experiência da multiplicidade e da possibilidade.

Música é rizoma, e como devir faz parte do processo da própria modificação da sua estrutura, pois o devir-música é o elemento que se alterna e que não se fixa, que escapa e se desloca na criação de novos territórios, subjetividades, produções contínuas, fluxo de mudanças que nunca se conclui e que pode ser um processo de agenciar desejos, conduzindo a vida pelas intensidades e singularidades. Nessa perspectiva, todo devir se configura como rizoma, conexão, abertura e intermezzo que se faz presente na imanência da existência.

São tantos modos de ler e pensar Deleuze e de agenciar seu pensamento, e a música como experimentação estética no ensino de filosofia é devir que se faz na possibilidade de criação, agenciamentos, realizações e elementos transformadores que anunciam a possibilidade de novos olhares sobre a vida e sobre si mesmo como parte de um contexto coletivo. Portanto é necessário pensar um ensino de filosofia que acena para a multiplicidade, criação e diferença e que permite ser aberto como horizonte sem fronteira.

Referências

- ALVES, D. J. *A filosofia no ensino médio: ambiguidades e contradições na LDB*. São Paulo: Autores Associados, 2002 (Coleção Educação Contemporânea).
- BARBOZA, J. *Schopenhauer: a decifração do enigma do mundo*. São Paulo: Moderna, 1997 (Coleção Logos).
- CUNHA, C, M. *Filosofia-Rizoma: metamorfoses do pensar*. Curitiba: CRV, 2011.
- DELEUZE, G. *Conversações*. Trad. P. P. Pelbart. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2013 (Coleção Trans).

DELEUZE, G. *Nietzsche e a filosofia*. Trad. A. M. Magalhães. 2. ed. Portugal: Rés- Editora, 2001.

DELEUZE, G. “O que é o ato de criação?” Trad. J. G. A. Domingos. In: DUARTE, R. (Orgs). *O belo autônomo: Textos clássicos de estética*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012, p. 288-295 (Coleção Filô/Estética; 3).

DELEUZE, G; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia* 2. Trad. A. L. Oliveira; A. G. Neto; C. P. Costa. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011. v. 1 (Coleção Trans).

DELEUZE, G; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia* 2. Trad. S. Rolnik. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012. v. 4 (Coleção Trans).

DIAS, H. J. L; SILVA, F. A. *A canção popular brasileira como ferramenta didático-pedagógica para o ensino de filosofia*. In: Paraná. Secretaria do Estado de Educação. Superintendência de Educação. *Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE*, 2016. Curitiba v. 1. (Cadernos PDE). Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_pdp_filo_unioeste_hermesjoaolopesdias.pdf. Data de acesso em: 20 jun. 2025.

DOSSE, F. *Gilles Deleuze & Felix Guattari: Biografias cruzadas*. Trad. F. Murad. Porto Alegre: Artmed, 2010.

FERRAZ, S. “Deleuze, música, tempo e forças não sonoras”. In: *Artefilosofia*, Ouro Preto, BH, v. 5, n. 9, p.67-76, out, 2010.

HEUSER, E. M. D. *Pensar em Deleuze: violência e empirismo no ensino de filosofia*. Ijuí: Unijuí, 2010 (Coleção Filosofia e Ensino).

LABOISSIÈRE, M. *Música e filosofia: reflexões sobre conceito e interface*, 2000.

SCHOPKE, R. *Alegria a verdadeira resistência*. Rio de Janeiro: Confraria do vento, 2020.

ZOURABICHVILI, F. *Deleuze: uma filosofia do acontecimento*. Trad. L. B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2016 (Coleção Trans).

Submissão: 20. 06. 2025

/

Aceite: 13. 07. 2025